

BRASIL - PORTUGAL

1 DE JUNHO DE 1907

N.º 201

DIRECTOR -- Augusto de Castilho.
PROPRIETARIAS -- Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO -- C. do Sacramento, 14, 3.º
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO -- «A Editora», L. do Conde Barão, 50 -- [Lisboa.]



Despedida do inverno

VIDA ELEGANTE

A nota sensacional da quinzena foi, além da recepção com que os srs. condes de Santar inauguraram a sua nova residência da Avenida D. Amélia, o *garden-party* oferecido pelos srs. condes de Burnay nos seus jardins da Junqueira.

Do brilhantismo d'esta festa, melhor do que qualquer descripção, dão nota alguns instantaneos que o *Brasil-Portugal* hoje publica reunidos n'uma só pagina.

EM EVIDENCIA



D. Magdalena Trigueiros de Martel Patricio

(Cliché de Vidal & Ponsoca — Lisboa)

Esvelta, flexível, dir-se-ia uma flôr de pê, sem favor de madrigal. Por fóra — pequenina, airosa, toda um sorriso, attraíndo como imã, servindo-se da sua myopia para ver o mundo côr de rosa: por dentro — um cerebro.

Eternamente moça, parece uma adolescente adormecendo uma boneca, e ninguém crerá que seja mãe de uma familia... de seis annos.

Irmã das primaveras, nunca terá chorado, que em olhos de tanta alegria não cabe a enormidade de uma lagrima.

Nasceu assim feliz, e assim caminha na vida, embalando, solícita, com as suas mãos *patricias*, o berço de oiro em que repousa a felicidade de que se fez carcereira vigilante.

E a gente, quando ella passa, pára e fica-se a vel-a, esquecendo pezares e tristezas, n'uma reconciliação com as miserias da vida. Tal é a influencia d'aquella alegria que se transmite.

Alma branca ao serviço de uma intelligencia clara. E tão clara que se póde applicar a esta esculpturasinha o dito do tribuno «os homens não se medem os palmos...» ainda sem madrigal-rebuçado.

Mas, como não ha bonita sem senão, aqui fica archivado o seu feito tremendo: fala allemão (!), essa desharmonia estapafurdia que a sua bôca vermelha não saberá nunca adoçar.

Pepe Misterio.

EM FÓCO

Dentre as multiplas modalidades que fazem do conde de Fontalva uma figura primacial na nossa sociedade, uma, — a sua feição essencial —, o distingue e caracteriza: diplomata, homem de mundo perfeito, intelligencia cultivada, tudo somou e conjugou na realisação do typo inexcédível, completo e perfeito do verdadeiro ho-

mem de *sport* na sua forma mais elegante e refinada: o *sport* do cavallo.

Progressivamente passou por todas as phases d'esse genero de *sport*, desde o toureio a cavallo em que foi brilhante, tendo ficado celebre a corrida por elle fidalgamente offerecida em Cascaes ao rei de Hespanha, Affonso XII; desde a sua iniciativa na fundação do *Turf Club*, a que se devem as primeiras tentativas de apuramento das nossas raças cavallares e o passageiro arremêdo de corridas de cavallos no hypodromo de Belem, até á sua actual e, sobre todas, louvavel teimosia de



Conde de Fontalva

(Cliché de Eug. Géron — Paris)

á custa de incansaveis esforços e persistente acção, querer implantar no nosso meio os concursos hypicos que teem, como fito superior e altamente patriótico, a melhoria e aperfeiçoamento do nosso cavallo de guerra.

Para esse fim tem o conde de Fontalva empregado todos os seus intelligentes esforços, quasi desacompanhado, tendo apenas a ajuda de um pequeno mas valioso grupo de officiaes do exercito.

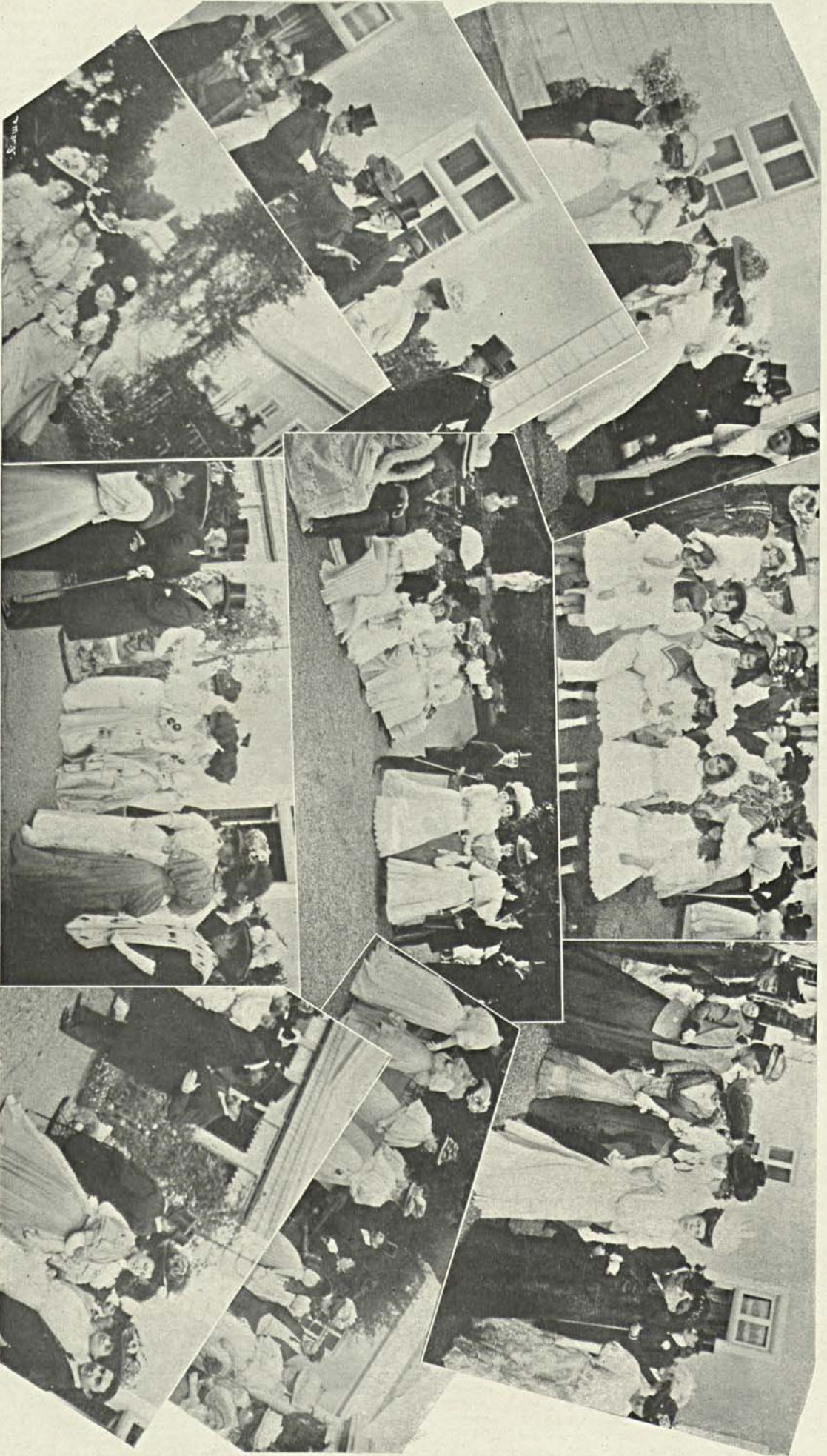
Agora, todas as semanas, abre bizarramente as portas do seu parquinho de Palhavã á aprendizagem dos nossos cavalleiros, conjugando vontades para a realisação do seu fim, descobrindo e desenvolvendo aptidões, auxiliando por todas as formas, e com a sua enorme auctoridade sobre o assumpto, o gosto do *sport* hypico, — fazendo como que uma cultura intensiva de civilisação.

E, apesaz da proverbial indifferença portugueza por todas estas cousas, não tem desanimado; e os progressos que a sua iniciativa tem já trazido ao nosso meio sportivo são apreciaveis e patentes.

E', pois, o conde de Fontalva, uma figura altamente sympathica, um valioso instrumento de progresso n'este famoso jardim da Europa á beira-mar plantado.

Flavio.

GARDEN-PARTY



No parque dos srs. condes de Burnay, em 23 de maio

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

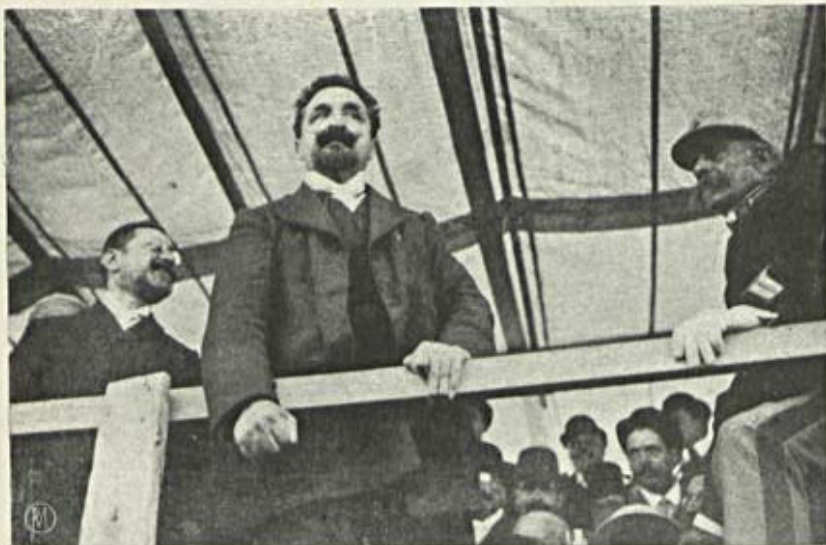
XXVII

A dictadura.— *Reboliço e protesto.*— O sr. presidente do conselho e a sua missão divina, que talvez tenha resultados diabolicos.— *União das opposições monarchicas.*— Os republicanos esperam que o sr. dr. Affonso Costa se restabeleça de um ataque de gripe para começarem o ataque ao governo.— *Parola.*— O civil fala e o militar espadeira.— *Uma historia.*— *Declaração terminante.*— *A adjudicação do theatro de D. Maria.*— *O que são os theatros-escolas nos países que se presam.*— *O que se faz entre nós.*— *Termina-se aconselhando um disparate.*— *Uma epistola e um pedido.*

Aquella famosa dictadura a que por incidente me referi na ultima chronica, invocando a protecção do Altissimo em favor de nós todos, tem dado que falar. O que por ahí vae, Santo Deus! A' hora a que escrevo, devem estar reunidos os chefes dos partidos em conferencia com os seus marchas, como agora se diz, estabelecendo as bases de uma tremenda resistencia á dictadura que o sr. João Franco assumiu, segundo elle diz, para cumprir uma missão divina, de que toda a gente espera resultados diabolicos.

Que s. ex.ª, a quem aliaz muitissimo respeito por suas qualidades pessoases, me perdõe a ousadia da comparação; mas não me posso furtar ao desejo de dizer aos meus leitores, aqui em cavaco ameno que ninguém ouve, que o sr. João Franco, julgando-se mandatario da Divina Providencia para fazer entrar tudo isto nos eixos,

O comicio dos dissidentes



Visconde da Ribeira Brava

me faz lembrar aquelle Antonio Conselheiro, fanatico brasileiro, preso em Canudos pelas tropas federaes. Para em tudo se parecer com o Messias de terras de Santa Cruz, o sr. João Franco tambem é conselheiro e acha-se ao presente mettido em canudos medonhos, a contar da famosa lei de imprensa até á violenta dissolução da camara electiva.

Diz-se que o ministerio não póde resistir á opposição em bloco dos partidos monarchicos concertados como bons amigos para darem cabo da pelle do adversario, não contando com a tempestade que pela prôa da nau da publica governação farão rebentar os republicanos. Annuncia-se para muito breve a manifestação de desagrado pela medida dictatorial por parte das opposições monarchicas e o cyclone republicano está annunciado para quando o Boreas Affonso Costa possa bufar, o que lhe é impossivel agora, porque está soffrendo um ataque de gripe.

Os dissidentes progressistas realisaram já um comicio de protesto contra a dictadura, em Lisboa, e parece que outros se seguirão, convocados pelo mesmo grupo politico e pelos republicanos.

Vamos lá então a esse palanfrorio, que é tudo quanto em materia de acção se pode exigir do portuguezinho valente, quanto ao civil. Porque do elemento militar, n'estas especiaes emergencias de parola patriotica, ha sempre a

recear a lamina dos sabres, que é de uma eloquencia espantosa. Está aqui quem o pode testemunhar. A 24 de agosto de 1884, n'um domingo por signal, o auctor d'estas mal regradas linhas apanhou tal pranchada nas costas, pelo simples crime de ir a caminho de casa para jantar, que ainda no anno da graça de 1907 corrente, quando o tempo é humido ou muito variavel, a sente tanto e tão bem, que aperta o passo, imaginando que vem atraz d'elle um *guita* de durindana alçada.

Disseram-me depois que eu ficava, por esse facto, considerado como heroe supplente da revolução de 1820, visto que fóra victima da força armada quando patriotas commemoravam a grande data. Pois sim. Grande data apanhei eu e não passa inverno que eu não a commemore com fricções de alcool camphorado.

Não sei se o sr. João Franco terá caído no dia em que estas linhas forem publicadas. Não sei nem quero saber. Mas se a esse tempo s. ex.ª não tiver já na ferrea mão as redeas do Poder, aqui lhe juro antecipadamente que não terei mettido prego nem estopa na provocação do seu desastre. Nem no desastre do sr. João Franco nem no de qualquer que uma vez possa, queira e mande. Aqui o declaro muito terminantemente, cá por causa de uma coisa.

E, por sim por não, vou mandar copia d'esta declaração á guarda municipal. Porque se é certo que os trabalhos se levantam sob os nossos pés, não é menos certo que os sabres se erguem sobre as nossas cabeças, como aquella «nuvem que os ares escurece» a que se refere o epico. E lá diz o outro que ellas quando não matam, ar-rasam.

Os jornaes inseriram, ha dias, seccamente, sem uma palavra de comentario, uma nota officiosa pela qual se communicava ao orbe que o governo, apoz concurso, adjudicava o theatro de D. Maria II aos srs. D. João de Menezes e Augusto Ferreira, pela quantia de cinco contos de réis.

Em nenhum jornal, rep'ito, appareceu uma palavra de comentario, a este facto extranho, o que leva a crer que toda a imprensa o achou natural. Alguns jornaes até applaudiram sem reservas. Dir-se-ia que o arrendamento do theatro Normal vinha salvar o paiz da bancarrota.

Eu não tenho o séstro de lançar notas discordantes no concerto harmonico da opinião geral. Se ha espirito conciliador, acomodaticio, Maria-vae-com-as-outras, é o meu. Dei n'isto ha uns annos e tenho tirado excellent resultado. Mas de vez em quando sinto que acordam em mim velhos bichos carpinteiros, que deviam ter morrido para minha tranquillidade, e então digo coisas que não fazem mal a ninguém e me consolam como se tivesse aliaviado a consciencia do grande peso de um remorso.

Assim, agora. E se eu não dissesse aqui, mansamente e serenamente, que acho estupendo o caso do arrendamento de que se trata, estourava. Bem, já não estouro, porque disse. Mas não tenho dito tudo, porque é necessario dizer, tambem, a razão do dito.

Ninguém ignora que todo o paiz que se presa tem, pelo menos, um theatro-escola, que é propriedade do estado, que o estado mantem no melhor pé de decor., que o estado subsidia. E' n'esses theatros que se encontram geralmente os primeiros artistas, onde se representam as peças consideradas obras primas das litteraturas nacional e estrangeiras, onde vão tirocinar os alumnos dos Conservatorios apoz laboriosa instrucção theorica. E' ahí, n'esses palcos modelares, que, emfim, se cura do engrandecimento da arte dramatica nacional, amparando-a com rasgada protecção, disvelladamente. Todos sabemos, tambem, que os theatros em taes condições são entregues a nucleos de artistas de provada idoneidade, sem onus que não seja de caracter moral,



O comicio dos dissidentes.— Dr. João Pinto dos Santos

recebendo ainda essas sociedades artisticas importantes subsidios do Estado a fim de poderem montar as peças com absoluto rigor. Por aqui me fico, podendo ir mais longe, pois que mais haveria a dizer em materia de protecção pelo Estado. Mas para o caso não é preciso mais.

Eu disse que ninguém ignora estas coisas, que todos as sabemos. Ha, porém, uma excepção a fazer: o governo portuguez ignora-as ou linge ignoral-as. De outra fórma não se póde justificar este caso unico de arrendar o theatro Normal a quem mais offereceu. Não me venham, pelo amor de Deus, com a desculpa de augmento de receitas e de economias. Isso são trapalhadas sem senso, argumentos de dona de casa de hospedes. Um estabelecimento do Estado, destinado a um alto fim, de tradições gloriosas, por onde tem passado os maiores artistas dramaticos, onde se tem representado o theatro de Camões, Gil Vicente, Garrett, não se arrenda a quem mais dá, regateando com a semceremonia com que qualquer D. Gertrudes, de cocoras no patamar da sua escada, com um gato ás marradas nos joelhos, regateia meia duzia de pescadinhas marmotas.

Com tal criterio, não sei a razão porque o governo não poz tambem em hasta publica o Conservatorio e a Academia de Bellas Artes. Se não lhe occurreu a idéa e a acha boa, aqui a tem ás suas ordens. E não lhe leva nada por ella.



O comicio dos dissidentes. — Dr. Cunha e Costa



O comicio dos dissidentes. — Dr. Pedro Martins

O portuguez é naturalmente pesado, amigo do solido, e rebelde ás ligeiras coisas de arte tão maravilhosamente francezas por indole e origem. E' ver os nossos paysagistas. Os nossos escriptores. Os nossos poetas. Queremos na obra d'arte o excesso, qualquer fórma que o traduza e comprove. Em litteratura, a hyperbole, um estylo atormentado de imagens e cheio de bizarras theorias. Na tela, coloridos estridentes, vehemencia, profusão.

A serena ironia dos povos litterarios, composta, subtil, toda interior, mesmo nas suas phantasias mais macabras e blagues mais fundas sabendo guardar uma mascara de senhoral gravidade, preferimos nós o sarcastico escadante, a grossa hilaridade fradesca, o dichote que se crava como um sedenho no cachaço da victima.

FIALHO D'ALMEIDA.



Do Porto, um espirituoso cavalheiro escreve-me, a proposito do meu ultimo arrasoado sobre desastres motivados pelas desordenadas correrias dos automoveis, contando que em Carreiros, na Foz do Douro, uma mulher foi atropellada por dois d'esses vehiculos, a seguir. E acrescenta: «E note que não morreu!»

Oh meu querido sr., tire-me de uma duvida horrivel! Verifique se os automoveis são de papelão. Se não são, a victima foi, com certeza... minha sogra!

CAMARA LIMA.

PROVERBIOS TURCOS

Nem montanha sem nevoeiro, nem merito sem calunnia.



Faze o bem e deita-o ao mar: se os peixes o não apreciam, Deus o vê.



O diabo tenta o homem, mas o ocioso tenta o diabo.



A casa do mentiroso está em cinzas e ninguém acredita que ella ardesse.



A felicidade, como o cristal, quando mais brilha é quando mais quebra.



Vice-almirante Cypriano Lopes de Andrade

† em Lisboa a 20-5-1907

Com o maior sentimento regis'a hoje o «Brasil-Portugal» a morte d'este illustre official da nossa armada.

Tendo commandado varios navios de guerra e desempenhado differentes commissões — governador d'algumas das nossas colonias, inspector do Arsenal, major general da armada, vogal do Supremo Tribunal de Justiça Militar e ultimamente presidente do Conselho General da Armada — o illustre extincto houve-se sempre com a maior pericia e de forma a merecer o elogio dos seus camaradas e o respeito dos seus compatriotas.

Missão da Immaculada Conceição da Chipanga e Chire

Mais uma vez vimos com entusiástico respeito pôr em brilhante evidencia e no grandioso relevo que merece, a obra dos infatigáveis missionários jesuitas do Zambeze.

Ha mais de vinte annos que elles se estabeleceram modernamente em



Missão da Chipanga



Padre Loubière

Boroma e em Tete, com uma abnegação evangelica de um sublime quilate, e que all vão persistentemente trabalhando obscuramente sem ideias de angariar applausos mundanos e pensando só na desbravação das almas dos negros, na civilização do paiz a que se dedicaram e na maior gloria de Deus.

Já n'outra occasião, e por mais de uma vez, nos occupámos da missão de S. José de Boroma, e dos seus grandes obreiros. Hoje vimos dizer duas palavras de outra esperançosa missão fundada tambem na margem direita do grande rio, no logar denominado Chi-

feito em pouco mais de nove annos de arduo e fecundo trabalho bem dirigido.

A missão da Immaculada Conceição da Chipanga e Chire foi creada por sua Ex.^a Rev.^{ma} o P.^e D. Antonio Barroso, então prelado de Moçambique, por uma portaria de fins de Setembro de 1895, e aberta no dia 8 de Dezembro do mesmo anno, festa da sua Padroeira, e Padroeira do Reino de Portugal.

A séde d'esta Missão é no prazo Chipanga, na margem direita do Zambeze, a cerca de trinta leguas de Quelimane e do Chinde, e a quatro dias de marcha de Quelimane, e dois dias de navegação em lanchas a vapor do Chinde. A sua area de acção e jurisdicção deprehende se da sua denominação official de Chipanga e Chire e não tem limites determinados nem na margem do Zambeze e do Chire, nem para o interior, a partir das ditas margens.

A pedido de sua Ex.^a Rev.^{ma} o P.^e D. Antonio Barroso, foram concedidas pelo governo da Provincia para installação d'esta missão, as casas do antigo Commando militar da Chipanga, e posto da esquadilha da Zambezia e com ellas dez hectares de terreno adjunto que o governo para si tinha reservado no prazo Chipanga, nos territorios da Companhia de Moçambique.

Ambas estas casas estavam em mau estado quando a missão tomou conta d'ellas, e perdidas n'um matagal. A pouco e pouco, foram se fazendo as indispensaveis reparações, e construindo algumas dependencias com caracter provisorio, porque os recursos não teem dado para mais, e a missão não se tem atrevido a pedir subsídios. Começou se pela construcção d'um muro em volta do quintal, muro muito necessario para defesa contra as feras. Ao longo do muro, do lado de dentro, e á parte do nascente estão actualmente a cosinha, uma olaria, um dormitorio para alumnos internos, e uma forja de ferreiro.

Do lado do sul fica um grande spondre que serve de officina de carpintaria com seus 12 bancos de carpinteiro para aprendizes, e ao longo do mesmo muro, symetricamente, fica uma boa escola e uma officina de sapateiros, tudo de pedra e cal com tectos de ferro galvanisado.

panga e dirigida desde o seu inicio pelo Padre João Baptista Loubière, francez por nascimento, mas hoje tão identificado com os interesses de Portugal que elle mesmo se diz portuguez de coração.

O Padre Loubière, cujo retrato apresentamos aos nossos leitores, foi durante annos professor de lingua franceza no collegio de Campolide, aquelle conhecido viveiro de luzes onde tantos homens notaveis da presente época receberam a instrucção intellectual e moral, e estão hoje occupando tão distinctos logares na sociedade portugueza.

O Padre Loubière é um homem instruido, com um grande caracter firme, persistente e pratico, convicto, bondoso, e sempre prazenteiro, indulgente e insinuante. E não queremos dizer mais para não offender a sua modestia, deixando ao publico o ensejo de completar o seu juizo com a descripção do que elle tem



Alameda de residencia



Officina de sapataria dirigida pelo irmão Augusto Filippe Pinheiro

A este edificio dão entrada oito portas bastante largas, entrando tambem por ellas bastante luz e ar; cinco correspondem á escola, e as outras tres á officina.

A uns 300 metros a nordeste das installações supra mencionadas construiu-se um vasto curral para gado e animaes domesticos. A obra consta de columnas de tijolo e cal sustentando o madeiramento do tecto de ferro zincado. Os animaes que alli se recolhem, são 8 bois de trabalho, 2 touros, 13 vaccas, e cinco vitellas, um rebanho de cabritos e ovelhas, gado suino de boa qualidade, proveniente da colonia do Cabo, (raça d'York.) gallinhas, patos, pombos, etc.

Perto do Zambeze tambem se levantou uma casa de columnas de tijolo, cal e ripas de palmeira, onde se collocou a machina a vapor da força de dois cavallos.

Teem-se tirado d'ella grandes resultados. Applicou-se primeiro a um moinho de cereaes, depois a um torno mechanico, a uma serra circular, a um engenho para moer amendoim que, depois de cosido por um jacto de vapor, é prensado, e assim se obtem o azeite necessario para os gastos da missão. Depois applicou-se tambem a uma bomba centrifuga por meio da qual se eleva a agua á casa (17 metros de altura) e a um tanque construido ao cimo de um vasto quintal com pomar e horta. Mas a tantas coisas se appli-

cou, que a coitada da machina já pede reforma, diligenciando-se agora arranjar uma de 8 cavallos, que é absolutamente necessaria. Para concluir o que diz respeito a construcções feitas pela missão, ha a mencionar um bom mirante no angulo do muro do recinto do lado nascente, e por baixo do mirante uma saleta que serve de botica, uma casa de banhos e um laboratorio para trabalhos de photographia. Ao poente do pateo, fóra dos muros estão dois fornos, um de cal outro de tijolo; e perto do rio, uma grande ramada onde são collocados para enxugar, os tijolos que se vão fabricando, antes de os expor ao sol a seccar.

Alem dos dez hectares de terreno cedidos pelo governo provincial, onde a Missão tem as suas installações, possui ella uma concessão, por aforamento, de 200 hectares, feita pela Companhia de Moçambique pela qual paga 2:000 réis annuaes. Este terreno a

principio quasi despovoado e coberto de matto inculto, está hoje todo cultivado e cheio de povoações de indigenas, e nem já é sufficiente para as suas culturas; de sorte que vão cultivando terrenos circumvizinhos. Torna-se pois necessario augmentar a con-



Aldeia meio civilisada



No Zambeze

cessão da missão e regularisar este estado de coisas.

Passam actualmente de cem os meninos que frequentam a escola da missão; e mais numerosas são ainda as meninas, que, por falta de Irmãs, são menos favorecidas na instrucção e educação.

Os officios que se teem ensinado, e ensinam n'esta ainda modesta missão, são principalmente os mais necessarios nas obras de installações, como pedreiros, serradores e carpinteiros. Presentemente os aprendizes pedreiros não teem mestre branco, porque tres irmãos auxiliares, mestres pedreiros da missão Zambeziana falleceram de biliosas, por ser o seu serviço mais exposto ao sol; e ainda não foi possivel substituil-os. Portanto, quando ha obras, os aprendizes de pedreiro trabalham sob a direcção do superior da missão. Os aprendizes carpinteiros e serradores teem tido mestres brancos, applicam se com gosto, e dão boas esperanças; são uns 15, e a sua officina está bem montada.

Além d'esta, ha uma officina de sapata-

ria bem montada e fornecida, na qual trabalham 12 aprendizes, sob a direcção de um bom mestre, irmão auxiliar. Tem geralmente muito serviço para Chinde, Sena, para as companhias de assucar de Mopéa e Marromeu, para muitos vapores portuguezes e estrangeiros que por alli passam, para empregados dos prazos e até para Blantyre e Mombassa. Aqui vieram aprender officios alguns rapazes das missões de Boroma e Zumbo, e agora n'ellas prestam bons serviços.

E' com o maximo gosto que se regista a visita de altos empregados das colonias inglezas, olhando admirados para aquelles pretinhos, sentarem-se ás vezes nos bancos dos sapateiros, e fazem os melhores elogios ás missões portuguezas que entendem a verdadeira maneira de civilisar os cafres, e que dizem, do missionario do real padroado, que prega o Evangelho do trabalho — "the gospel of the work."

A necessidade de quem vive no sertão afri-



Jogo da pella



Rapaziças christãs

cano ensinou o mestre sapateiro a trabalhar tambem em fatos, e assim ha alguns rapazes que com elle vão aprendendo o officio de alfayate. Tanto para sapateiro como para alfayate ha boas machinas de costura nas quaes os rapazes muito gostam de trabalhar.

Uma meia duzia de rapazes lidam regularmente com a machina a vapor, de sorte que, se não sahem perfeitos machinistas, adquirem contudo um sufficiente conhecimento do serviço e auxiliam muito; e sendo, como são, cautelosos e medrosos, até admira serem tão raras as vezes que reclamam com o apito de alarme o auxilio d'um branco para os tirar de alguma duvida ou apuro.

Muito gosto deu ao superior da missão um officio do chefe de Sena pedindo-lhe, em nome do Governador da Beira, que a missão collaborasse para o museu que a Companhia de Moçambique tem montado na Beira. Depois de palavras muito elogiosas para o superior da missão, dizia: "Sobre a industria poderá de certo V. Rev.^{ma}, digno superior da missão de Chipanga, subsidiar honradamente o nosso museu com productos das industrias que ahí se estão desenvolvendo e muito tem progredido, taes como a carpintaria, sapataria, etc."

Mandou-se um armario, muito bem feito, com diferentes madeiras da floresta de Chipanga, e varias amostras de calçado. Sua Ex.^a o Sr. Governador dignou-se agradecer por um officio muito lisonjeiro.

Já dissemos que os terrenos, 200 hectares, que a missão tem aforado, estão inteiramente cultivados e cheios de gente, de quasi todos incultos e despovoados que eram, quando ella se estabeleceu.

A não ser alguns hectares cultivados directamente pela missão, a maior parte d'esses terrenos é cultivada pelos pretos e em seu proprio proveito.

Em tempo proprio para o amanho e colheitas, faz gosto ver as suas varzeas de meixoeira, mapira, milho, feijão, mandioca, amendoim etc. de que se alimentam. Fazem estas culturas um contraste muito notavel com as dos terrenos visinhos, e a razão d'isto é porque a missão lhes permite, nos tempos proprios da lavoura ou amanho da terra, tratarem dos seus trabalhos ruraes, não os empregando então em outros de utilidade d'ella.

Isto, que certamente é justo e humano, tem sido motivo para accusar a missão de favorecer a ociosidade dos pretos!...

As culturas que a missão faz por conta propria são um's varzeas de amendoim, e dois vastos quintaes a pomar e horta, regados com agua do Zambeze, tirada pela bomba de turbina movida a vapor. Na parte mais alta do quintal construiu-se um bom tanque de pedra, cal e cimento que se enche por meio da bomba e d'alli se reparte e vae regar pelo pé todas as arvores dos pomares e as hortas.

Como a bomba foi collocada no tempo mais secco do anno, em que o rio tinha descido mais, espera-se que nunca virá a faltar a

agua enquanto a bomba funcionar. Por esta abundancia de agua e porque o terreno é muito fertil, o quintal vae-se tornando um primor, e é a admiração de quantos por alli passam e o visitam.

Todas as hortaliças alli se dão perfeitamente, utilizando-se d'ellas a missão para o proprio consumo e para presentear os europeus nacionaes e estrangeiros. Se estivesse perto de um bom mercado poderia ser uma boa fonte de receita. Poderia tambem vender-se aos vapores que alli passam, mas não se tem feito isso, para não se dar pretexto a que a missão seja accusada de fazer negocio, como falsamente o tem sido por outros pretextos de menos apparencia. A' frente d'estas culturas está um irmão auxiliar.

Como confirmação do que fica dito transcrevemos outro trecho do officio referido acima do sr. chefe de Sena: "No hortoado que alli se cultiva com o maior esmero, e a que bem pode chamar-se campo de ensaio, tem certamente V. Rev.^{ma} latitude para as melhores informações agricolas da região que muito agradecemos."



Tumulo da esposa do dr. Livingstone

Quando ao pomar basta enumerar as principaes arvores fructíferas. Ha laranjeiras, limoeiros, tangerineiras, nespereiras, ateiras, anoneiras, sape sape, figueiras, jambos, videiras etc.

Já se deu principio a um vasto palmar e a uma vinha. Esta já deu fructo que é um muscatel muito saboroso.

Os christãos da missão, animados pelos exemplos dos missionarios, cultivam tambem as suas hortas e pomares, desenhando com muito gosto ruas de ananazes e de arvores fructíferas.

Já fazem as suas casas com tijolo cru e ripas de palmeiras. Assim o preto toma amor á sua povoação e ás suas culturas e perde o seu instincto nomada que tanto prejudicava o trabalho civilizador do missionario.

Confiamos que o exemplo, dado pelo Padre Loubière na missão da Chipanga, será imitado. E agora, que está á testa da pasta da marinha um homem intelligente, que foi educado em Campolide, que tem pratica de colonias e que é arrojado e corajoso, esperamos que S. Ex.^a promoverá o desenvolvimento da missão de Chipanga e auxiliará a fundação de outras. Com esta educação pratica de agricultura e officios é que poderemos desenvolver as nossas colonias e dar civilisadores exemplos ás vizinhas de outras nações.

AUGUSTO DE CASTILHO.

P. S. — Entre as gravuras que apresentamos aos nossos leitores, relativas á missão da Chipanga, vae tambem uma do tumulo levantado sobre os restos mortaes da corajosa esposa do grande sabio, geographo, medico e explorador Dr. Livingstone, falecida n'aquelle logar. Esse modesto mausoleu, situado a sombra de um baobab é visitado piedosamente por todos os viajantes que alli passam.

A. DE C.

Notas de sport

A regata da TAÇA LISBOA



Alberto Pereira Dias
Timoneiro do Club Naval
Madeirense

Apresentou-se o Tejo muito agitado na tarde do dia 26. Por este motivo — porque seria perigoso correr em taes condições e a regata em que devia disputar-se a «Taça Lisboa» não teria o brilho que todos desejavam — resolveu o respectivo jury, á ultima hora, que ella se não realisasse não obstante estarem já no mar, nas suas respectivas guigas, as tripulações da Real Associação Naval, Club Naval Madeirense e Real Club Naval.

Quando ao Club dos Aspirantes de Marinha que, segundo nos consta, tinha uma tripulação muito forte, não pôde tomar parte na corrida d'este anno por se lhe ter escangalhado, n'um dos trenos, a respectiva guiga.

Tanto na muralha como no mar juntou-se muita gente apesar do Club Naval Madeirense, que como detentor da taça é o organisador da regata d'este anno, não ter feito reclamos nos jornaes nem organisado programmas. Tal procedimento não pôde merecer o nosso applauso porque a corrida da «Taça Lisboa» é uma corrida séria e não uma simples regata de praia que tudo isso pôde dispensar.

O Brasil-Portugal que no seu ultimo numero deu em gravura as tripulações do Real Club Naval, Club Naval Madeirense e Club dos Aspirantes de Marinha, apresenta hoje da mesma forma a tripulação da Real Associação Naval e os retratos dos srs. Carlos de Sá Pereira, vencedor da taça no primeiro anno, novamente timoneiro da Real Associação no segundo e terceiro e organisador e timoneiro da tripulação d'este anno; Alfredo Pereira Dias, timoneiro do Club Naval Madeirense no segundo e terceiro annos nos quaes ficou vencedor e organisador e timoneiro da sua actual tripulação, e Henrique Bastos, um sportsman distincto, que o Real Club Naval apresenta este anno como seu timoneiro.

Notas soltas:
Por absoluta falta de espaço não nos referimos aos ultimos torneios realizados no Centro Portuguez de Esgrima.

Consta-nos que o distincto professor Furtado Coelho está escrevendo um livro, que brevemente será publicado, no qual trata desenvolvidamente da gymnastica sueca.

Considerações acerca da Lua de Mel

A Lua de Mel é um globo impalpavel destacadado do Olympto para illuminar o firmamento conjugal.

Astro de sonho e de mysterio, abençoado por uns, maldito por outros, para uns região encantadora, verdadeiro paraíso terrestre, para outros fria e taciturna, os seus raios projectam-se, não obstante, sobre todos os namorados.

Filha do Amor, satellite da Felicidade, a Lua de Mel tem uma origem tão antiga como a do casamento.

Apparecendo primeiramente aos noivos sob a forma d'uma nublada, só mais tarde, depois do casamento, é que a sua claridade suave e tranquilla permite estudar attentamente o curso d'este astro.

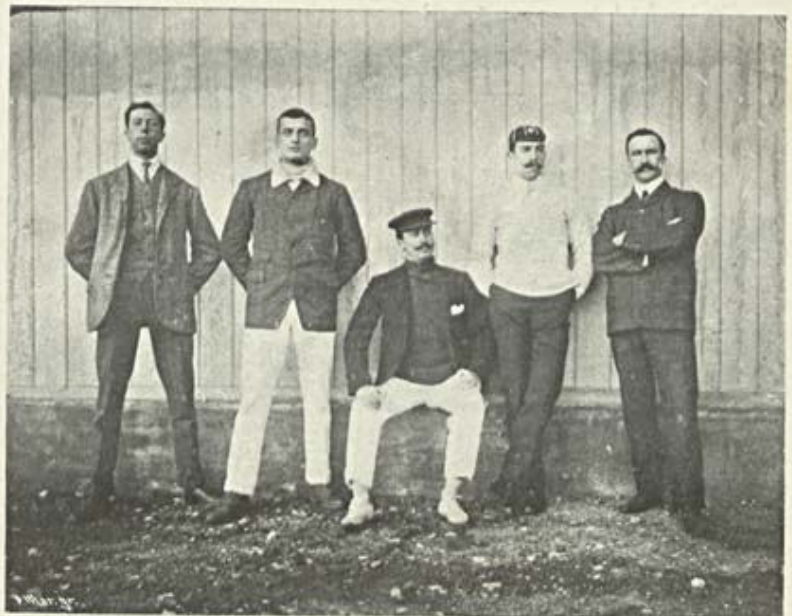
Todos n'este mundo visitamos este globo nocturno — uns por amor, outros por dever e muitos por doidice. A maneira de emprehender a viagem depende de circumstancias varias — no emtanto é tanto mais agradável quanto mais illusões se teem.



Carlos de Sá Pereira
Timoneiro da Real Associação Naval

Assim como acontece com o satellite da Terra, a Lua de Mel tem tambem as suas leis, o seu movimento, a sua atmosphera e as suas phases. Os esposos que teem conseguido penetrar os mysterios do invisivel globo affirmam que ha entre os dois grandes semelhanças. Na Lua de Mel como no satellite da Terra lá existe o Lago dos Sonhos, o Mar de Nectar, o Mar da Serenidade e o Mar das Crises que unem as suas aguas tranquilas ou tormentosas, doces ou salgadas, formando assim um vastissimo oceano no qual navegam constantemente os esposos.

PAUL PANSOLLE.



Tripulação da Real Associação Naval na regata da TAÇA LISBOA



Henrique Bastos
Timoneiro do Real Club Naval

“Matinée,, infantil

Em beneficio das Officinas de S. José assistimos em 19 de maio a uma festa altamente sympathica promovida pelas sr.^{as} condessa da Ribeira Grande (D. Maria da Puresa), D. Maria de Jesus de Sousa Holstein d'Ornellas, D. Maria José Zarco da Camara e D. Cecilia Vanzeller de Castro Pereira.

Nota curiosa e interessante — o *Auto do Menino Jesus*, de D. João da Camara, foi interpretado por um grupo de gentilissimas creanças a quem toda a assistencia dispensou os mais calorosos applausos. O *Auto do Menino Jesus*, expressamente escripto para esta festa é, como tudo



D. João da Camara, auctor do «Auto do Menino Jesus», e padre José Concina, auctor da musica

quanto sae da penna do illustre poeta e dramaturgo, um verdadeiro mimo litterario. Para esta peça compoz o reverendo José Concina uma musica religiosa a cujos encantos deram maior realce as bocas rosadas dos juvenis interpretes.

Politica internacional

Os rumores que ha tempos se espalhavam de um accordo entre a França e o Japão estão plenamente confirmados. Se bem que ainda se não conheçam as clausulas d'esse accordo, não ha duvida que elle se refere á manutenção do *statu quo* no Extremo-Oriente, e portanto á garantia da integridade das possessões japonezas e francezas n'esta parte do mundo. Ao mesmo tempo que esta noticia nos é transmittida, chega-nos egualmente a nova de estar prestes a firmar-se tambem um accordo russo-japonez, ou pelo menos, de se achar em tal estado de adiantamento, que se suppõe para breve a sua conclusão.

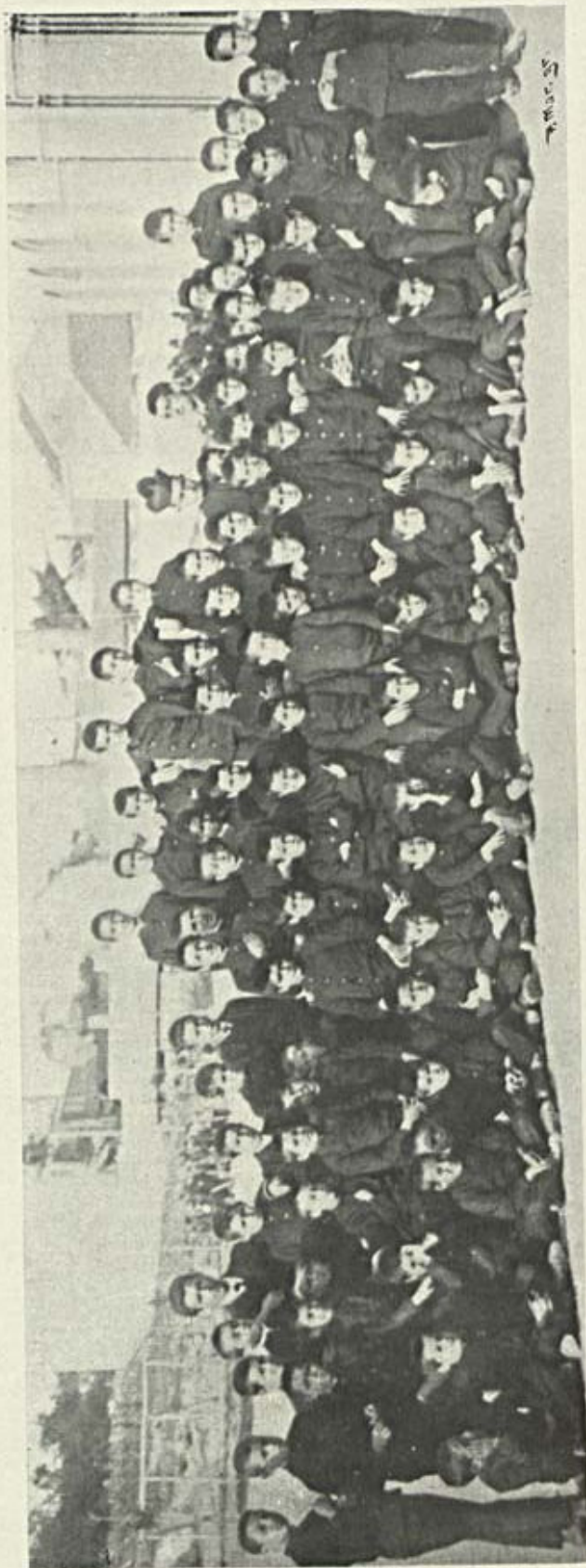
A ninguem é licito desconhecer a importancia d'estes dois accordos, que são uma consequencia necessaria da alliança anglo-japoneza e da *entente* anglo-franceza. Póde dizer-se mesmo que os quatro accordos mencionados constituem uma verdadeira quadrupla alliança para resolver a questão do Extremo-Oriente, não permitindo que outros n'ella pretendam intrometer-se. Escusado será acrescentar que esses "outros", visados indirectamente pelas quatro convenções é a Allemanha.

Como estamos longe d'aquelle tempo, aliás não muito afastado em annos, em que a França, a Russia e a Allemanha alliadas, impunham ao Japão a violencia de lhe rasgarem o tratado de Shimonoséki e á Inglaterra a humilhação de consentir n'este acto de espoliação internacional! Os alliados de então separaram-se, e os que pareciam dever ficar inimigos irreconciliaveis uniram-se. Não é esta uma das menores surpresas da actual situação das potencias,

e em Berlim devem a estas horas fazer-se considerações bem amargas sobre a instabilidade das combinações diplomaticas...

O que é indubitavel é que os dois accordos, que estão em preparação, são a obra exclusiva da Inglaterra com o fim bem manifesto de isolar a Allemanha.

Os leitores, que tiverem seguido com attenção estas nossas chro-



Os alumnos das officinas de S. José

nicas, devem recordar se certamente do que por mais de uma vez affirmámos durante a guerra do Transvaal, quando a Inglaterra estava de facto isolada no meio da Europa hostile. Dissemos então que a Grã-Bretanha havia de acabar por vencer, e que depois de feita a paz com os boers iamos assistir a uma campanha da diplo-



Matinée infantil. — A menina D. Antonia da Camara, um dos personagens do «Auto do Menino Jesus»

macia ingleza, para com redobrada actividade ganhar o terreno perdido e tirar a desforra da Allemanha, que desde o celebre tele-gramma do Kaiser até ás imprudentes declarações de Bülow em pleno Reichstag tanto tinha offendido o amor proprio da altiva Albion, procurando insistentemente contra ella promover uma collição europea.

Esta nossa prophecia realisou se integralmente. Não só a actividade diplomatica da Inglaterra tem desde então sido assombrosa, como tem sido ella implacavel na desforra contra a Allemanha. O isolamento em que ella estava ha seis para sete annos, quando a imprensa europea com rarissimas excepções entoava *una voce* o *delenda Albion*, é hoje o isolamento da potencia que se tinha constituido então o centro de todas as conspirações contra o dominio britannico. Os papeis inverteram-se, e forçoso é confessar que a punição da Allemanha é merecida. Póde o chanceller procurar desfazer com os seus actuaes discursos o effeito da sua antiga attitud, mas decerto ninguem em Inglaterra se esquecerá d'aquella celebre sessão do Reichstag em que se proclamou ser uma offensa para o exercito allemão comparal-o ao exercito inglez. O principe de Bülow assistia a essa sessão e não só não repellio como devia a sangrenta e immerecida affronta aos que na Africa do Sul se estavam batendo com tão estoica coragem, senão que ainda se associou á imprudente manifestação anglophoba com uma d'essas phrases que não se esquecem mais. Que admira, pois, que a Inglaterra seja hoje implacavel na desforra?

As novas convenções negociadas, sob a inspiração da Grã-Bretanha, entre a França, a Russia e o Japão, são duas novas malhas para ajuntar á rede em que a Allemanha se vae prendendo. A *entente cordiale*, a approximação franco-italiana, e o accordo anglo-franco-hespanhol immobilisaram a Allemanha na Europa e no norte da Africa. A alliança anglo-japoneza e o accordo do Japão com a Russia e com a França desfizeram os sonhos do Kaiser no Extremo-Oriente. Finalmente o accordo, que se annuncia estar sendo negociado entre a Russia e a Inglaterra, vae pôr veto definitivo ás ambições allemãs na Asia central e interior. De modo que, paralyzada na Europa, na Asia e na Africa pelo bloco das potencias ligadas á Inglaterra, e paralyzada na America pela affirmação categorica dos Estados-Unidos com respeito á doutrina de Monroe, o plano megalomano da Allemanha fracassou em absoluto. E o peor é que o Kaiser, embora vendo apertar-se o cêrco cada vez mais em volta d'elle, não tem pretexto plausivel para desembainhar a espada, por que todo o trabalho da diplomacia ingleza é feito em nome da paz e para assegurar a tranquillidade ás nações da Europa.

Tornou de novo a aggravar-se a situação de Marrocos, a ponto de causar serias inquietações sobretudo em França. D'esta vez é a região de Marrakech o teatro da agitação anti-europeia ou melhor anti-franceza. As tribus revoltaram-se contra a auctoridade constituida e libertaram alguns dos detidos por cumplicidade no assassinato do Dr. Mauchamp. Por outro lado coincidem com este movimento xenophobo as difficuldades que novamente surgiram entre o Maghzen e o governo francez pela dobiez com que o sultão procura fugir ás responsabilidades, que contrahiu para com a Republica logo depois da occupação de Udjda.



Matinée infantil. — Alguns interpretes do «Auto do Menino Jesus»

Pelo que se está passando vê-se como é difficil tratar com as auctoridades marroquinas qualquer questão pelas vias diplomaticas. Só a força tem sobre ellas influencia. Perante o emprego d'ella a tudo cedem, a tudo se compromettem. Logo, porém, que a pressão material deixa de existir, de tudo se esquecem e com o maior cinismo faltam aos mais solemnes compromissos.

E' este o perigo da situação actual, e a causa dos constantes sobresaltos que o presente estado de cousas está produzindo. Quando se realisou a occupação de Udjda, como desforço pelo assassinato do Dr. Mauchamp, o Maghzen prometteu dar todas as satisfações á França, punindo de maneira exemplar os criminosos. Passa-se, porém, algum tempo e em vez de cumprir o prometido principia a tergiversar, animando todas as resistencias e faltando ás promessas mais categoricas.

Qual é causa d'esta doblez, que por sua propria dignidade a Europa não pôde tolerar por mais tempo? E' simplesmente a fraqueza do governo marroquino, que não lhe consente com receio da explosão do fanatismo indigena honrar os compromissos tomados com as nações estrangeiras? Ou por detraz das hesitações do Maghzen temos de ir encontrar a chave d'este singular enigma nos manejos de alguma potencia, cujo interesse seja complicar a situação para os fins da sua politica? Devemos confessar que na imprensa estrangeira, mesmo na mais optimista, começam a apparecer claras allusões a esta segunda hypothese. O certo é que, apesar dos accordos realisados na conferencia de Algeciras, o problema marroquino está exactamente na situação em que se achava antes da reunião d'esta conferencia. A incerteza é a mesma, a inquietação talvez seja maior, e os perigos que d'este lado ameaçam a paz do mundo não diminuíram. E a razão é obvia.

• •

A chave da situação de Marrocos não está em Fez ou em Tan-

ger, mas em Paris e em Berlim. Enquanto as relações franco-alle-mãs continuarem como actualmente, não ha meio de se chegar a uma verdadeira pacificação em Marrocos, porque qualquer incidente ali occorrido, por insignificante que seja, pôde ser origem de novas complicações internacionaes.

E é este o perigo da actual situação.

A posição da França é, com effeito, singularmente precaria em Marrocos, apesar da victoria por ella alcançada na conferencia de Algeciras, ou talvez exactamente por causa d'essa victoria. As tribus indigenas, ou por virtude da sua propria disposição contra o elemento estrangeiro ou em resultado de suggestões alheias, mostram-se cada vez mais hostis para com tudo quanto é francez, não recuando mesmo perante crimes abominaveis, como o que victimou o Dr. Mauchamp.

A França, como é do seu dever e como se impõe ao seu prestigio, reclama, e, para garantia de que o seu protesto será attendido, occupa a cidade de Udjda na fronteira argelina, o que lhe é permitido por uma clausula do tratado de Algeciras. O Maghzen promette fazer justiça ás reclamações da Republica; mas d'ahi a pouco esquecendo-se das suas promessas começa a hesitar e com receio de contra elle desencadear o furor dos partidarios do Roghi, acaba por não fazer nada e consente que a multidão insulte e ameace em Marrakech todos os europeus.

O unico remedio a esta situação insupportavel seria a França occupar Marrakech ou mesmo Tanger, visto que a occupação de Udjda nenhuma impressão fez nos musulmanos. Mas é exactamente este passo o unico efficaz que a França não pôde dar, porque a isso se oppõe a Allemanha. De modo que esta ultima nação, apesar de se ter encontrado só em Algeciras contra a Europa inteira colligada, é quem está actualmente dominando a situação em Marrocos. E o dilemma põe-se com inilludivel nitidez. Ou a França é obrigada pela força das circumstancias a chegar a um accordo com a Allemanha, accordo que em Berlim hão de querer que se estenda a todas as questões que interessam as duas nações e não se limite



Matinée infantil. — Personagens do quadro vivo «A Primavera»

a Marrocos, ou a Republica tem de se preparar para a guerra, uma vez que não pôde deixar de seguir em Marrocos o caminho que o seu interesse e a sua dignidade lhe aconselham. Por qual das duas soluções optará a França? Em todo o caso o actual estado de cousas é que não pôde continuar, porque sem excluir a possibilidade e mesmo a probabilidade de um conflicto armado, está desprestigiando a França á face do mundo.

CONSIGLIERI FEDROSO.

A mulher em Portugal

D'um bello livro de Victor de Moigenie transcrevemos a seguinte interessante carta:

Porto, 21 de Dezembro de 1906.

Minha querida Mariette:

Quanto mais se approxima a noite de Jesus, mais eu sinto a dilacerante nostalgia. Julgo-me um irlandez que não pôde viver sem a sua doce Erin, ou um pobre homem da Cracovia, saudoso do castello roqueiro por estar agora proscripto, exposto ao sol da Numidia onde vagabundeia entre leões e árabes, onde sofre d'alma e corpo. Mal comparado, sinto-me n'um esgotamento repentino que lembra os de Spencer, tantas vezes julgando a morte á cabeceira e pouco depois redivivo, forte, homérico, para a luta, para o sofrimento, para o pensamento...

Ah! saudade! saudade! Que linda palavra esta genuinamente portugueza, tão maviosa que fez, dum verso de Garrett, uma serenata de Schubert, um devaneio de Chopin um gemido de Palestrina!

Porque Portugal é um povo de saudosos. A mulher mais rica, mais bella, mais adorada, tem nos olhos uma penumbra, uma agonia intima. Chora sem saber porque, ou porque demais o sabe, e isto quando a sua carne é de jaspe, de fogo o seu olhar, de coral a sua boza. Chora por um fado soluçante que ouviu no alto duma serra, pela dôr gemida dum marinheiro que parte, pelo grito angustiado duma ave que viu cair na torrente, quando devaneava pelo campo...

Tem saudades de tudo: duma velha mendiga que rezava no portal, duma criança que brincou e adormeceu para sempre, queimada de febre, dum cão meigo que lhe lambia as mãos e morreu chumbado pelo caçador na lombada da montanha...

As suas lagrimas derrama-lh'as, copiosas, vivas, indomáveis, o *Angelus* na aldeia, quando a noite chega e o vento crispa as arvores em murmurios d'almas insensíveis. O luar,



Matinée infantil. — Auto do Menino Jesus. — Um rei mago e o seu pagem

o proprio sol vivo e grande, a flôr, o regato, a estrella, o fumo, a onda, o perfume, o éco dum trinado, tudo aviva uma saudade dentro da alma portugueza.

O portuguez é sentimental por indole e por educação. Nada da pompa insultante do visinho hespanhol. O homem de Hespanha é toireiro por sanguinarismo; o de Portugal tem os toiros por tradição e por pretexto á galantaria. O de Hespanha é fanatico, violento, sonoro; o de Portugal é tolerante, bravo e melodioso. A cosinha do primeiro é de pimenta, colorau, excitações, produz extasis no sangue, escalda o cérebro, corrompe o sangue; a cosinha do segundo é substanciosa, simples, delicada por vezes, amiga do estomago, do figado, do sangue arterial.

O hespanhol é histerico nos impulsos, destemido e covarde, grande e miseravel, segundo os lances; o portuguez é sempre bom, d'alma saudavel, paciente, sofredor, justo e, quando irritado, inflexivel porque é sincero, dum hysterismo superior e fecundo.

Por isso o hespanhol tem *recuerdos*, não tem *saudades*, como nós temos *souvenirs*, ou *regrets*, como os inglezes têm *remembrance*. Ter saudades como os portuguezes só quem, como elles, se recorda a chorar dentro d'alma, de alguém ou d'alguma coisa que floresceu e viveu mas que, morrendo, ainda floresce e vive dentro do coração que deixou cheio de luto.

E a *saudade*, Mariette, é contagiosa, como o panico, como a alegria, como a febre. Basta um fio de luar para a transmittir. Uma florinha murcha no-la depõe no coração. Uma gotasinha d'orvalho no-la espelha a dentro d'alma.

Trepa por nós acima, insensivelmente, como a sombra duma flôr e, depois, a gente ao vê-la, vê quem a projecta, aproxima se della, sorve o perfume que a cerca, vive a sua vida, sofre o seu sofrimento. Mas que é isto? Acaso eu te escrevo de Pondicheri ou do Haiti? Não. Portugal é o extremo sudoeste da Europa, porém mais perto de Paris do que as



Matinée infantil. — A Rainha Senhora D. Amelia entrando para o seu automovel; em segundo plano: as sr.^{as} Duquesa de Palmella, D. Maria Francisca de Menezes, D. Vasco da Camara (Belmonte), padre Pedro, etc.

ruínas de Atenas ou de que os minaretes de Constantinopla.

A nossa bella lingua fala-se aqui com uma facilidade encantadora e, principalmente em Lisboa, até os costumes teem um cunho parisiense admiravel. Nas estantes dos livreros os nossos melhores poetas e romancistas. Nas praças e nos museus grandes reminiscencias da nossa arte. A cada passo, o nome de França numa auréola de carinho e prestigio.

Nos teatros a nossa musica, a nossa alegria, a nossa *verve*. Berlioz, Saint-Saens, Massenet, Bizet, Gounod, são tão queridos em Lisboa como em Paris. O Porto dedicou á nossa capital uma Galeria. Lisboa vae erguer uma estatua a Victor Hugo.

Portugal é um prolongamento da França, prolongamento cortado bruscamente pelos Pirinéos, mas continuado, depois da grande mancha da Espanha, por um paralelogramo delicioso, maior do que a Belgica, a Hollanda, a Suissa, ou Grecia. E, daqui, apesar do lençol enorme do Atlantico, lá vai continuar ainda no Brazil, principalmente no Rio de Janeiro, onde tudo é parisiense quanto possível, desde a imprensa á vida da rua.

E', pois, mais facil dominar a nostalgia . .

Vou hoje talvez a Braga. Lá me demorarei alguns dias. E' a capital do Minho, provincia que os portuguezes chamam o *paraíso de Portugal*. Sabes a minha opinião. Até hoje esse paraíso lusitano é o Algarve, pelo que vi, pela variedade esplendida de visos, planaltos, vegetação.

Do Minho, pelo que conheço, tenho a impressão duma beleza *classica* como a das *Eclogas* de Virgilio. Uniformidade deliciosa, planura, silencio, sombra, aguas limpidas, folhagens verdes, horisontes vastos, doces, tranquilos.

Do Algarve, pelo que contemplei, a impressão é duma beleza *romantica* como as ódes de Victor Hugo. Alcatifas de verdura e golpes de serra toda em flôr, antiteses grandiosas de monte e campo, lençoes de mar esplendido, penedias vestidas, vegetações quasi dos tropicos, calor, brisa maritima, perfume vivo e são, gorgeios, effluvios quentes de fecundidade, amor, paixão, devaneio, variedade.

Vai com'go D. Gloria que parece vir substituir a querida D. Candida, tão subitamente morta em Lisboa.

Tambem vão Mirable e Virginia, que hontem me fusilaram num verdadeiro duelo sobre principios de filosofia moderna. Indubitavelmente, a vivacidade das portuguezas é terrivel. A espanhola é mais audaz, mas muito menos espiritual. Em tudo põe sempre a vaidade plastica, qualquer coisa que afirme o fogo dos seus olhos, a pequenez do seu pé, a redondeza marmórea da sua anca. Conversa e namora. Raciocina e tem *salero*.

A portuguesa, acima de tudo, é meiga, piedosa, terna. Gosta, como todas as mulheres, de encantar, mas seduz mais por se julgar mediocre, quando é sempre simpática, o que não acontece a todas as formosuras.

E' maliciosa, finamente irônica, ao passo que a espanhola, ao desfechar a ironia, chega ao despejo ou, pelo menos, é cruel como se tivesse em cada homem um toiro.

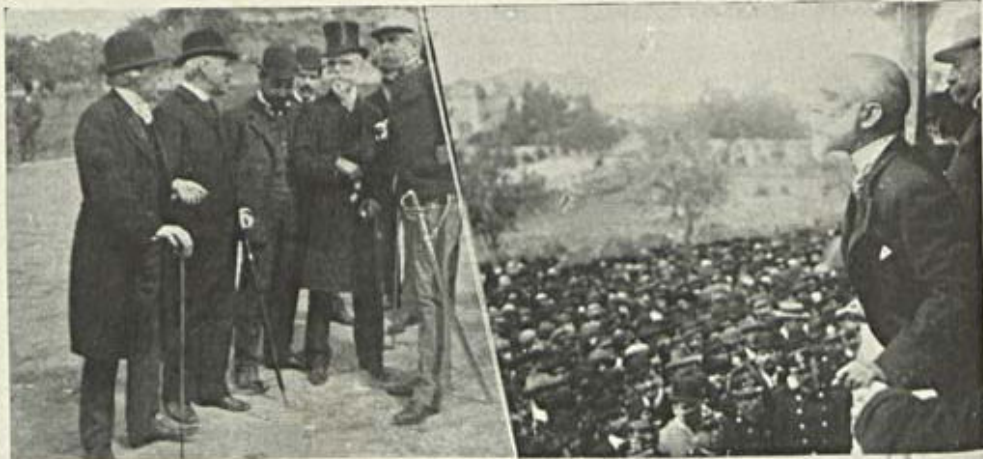
Na espanhola tudo é combate: na portuguesa tudo é dôçura. A primeira julga se num trono: a segunda sonha-se sempre num jardim.

Mas as brisas deste jardim são volteiras, mordentes, ásperas ás vês. A portuguesa é mulher e, portanto, Mariette, as suas unhas côr de rosa entram na pelle masculina quando menos se espera. Verdade seja que, se a nossa pelle verte sangue, ella, compadecida, é capaz de a curar com beijos, o que a espanhola só sabe fazer com felinas dentadas. . .

Não tenho hoje tempo de te narrar o grande duelo a que estas damas me sujeitaram, se pôde chamar-se duelo á luta com tres lindas adversarias terriveis.

Por hoje basta que saibas que fiquei completamente derrotado, primeiro em combate singular e depois batido pelas tres com uma força, uma tática e uma energia, que desarmariam o genio do nosso Napoleão I. . .

As damas de Paris, quanto a mim, tinham muito que a aprender com estes demonios de pele côr de crème e d'olhos



lindos, tão lindos, que a gente nem sabe se são joias se são estrélas . .

Sea mulher portuguesa fôr, um dia, instruida e educada, como precisa, eu creio que não ha *cerce* parisiense que não se honre com o brilho, originalidade e graça de sua verdadeira e espiritual beleza. Podem excedê-la em tudo, mas em coração nenhuma mulher europeia talvez a eguale.

E tu sabes, Mariette, da onipotencia do coração. Quem sente devêras, pensa com vigor. Quem ama, vê. Quem possui um sentimento perfeito, nobre, devêras puro, está a caminho do mais fecundo, do mais amplo e do mais santo pensamento. Tem toda a singeleza. Tem a melhor vontade. Dispõe da força dum verdadeiro caráter.

Mas basta por hoje. Na proxima carta te direi do duelo a que me venho referindo para, em outras cartas, te falar de Braga, que me dizem ser uma cidade curiosa e notavel.

Victor de Moigenio.

A decadencia é o grande idéal litterario do nosso tempo.

Fomos *satanicos* um momento, passageiramente, reconhecendo logo que Satanaz carecia do grau de depravação precisa para nos merecer essa honra. Para qualquer pequeno, que sae hoje do Lyceu com uma duzia de alexandrinos no bolso, o Diabo é um Ingenuo, um simplorio, um basbaque.

Cá a rapaziada já se não revolta, nem discute o que quer que seja. A rapaziada está para aqui assim. Schopenhauer me fecit.

Ramalho Ortigão.



O comicio de 26 de maio na Avenida D. Amélia
Oradores em llagrante: — Dr. Bernardino Machado — Dr. Brito Camacho — Dr. Manuel de Arriaga — Dr. João de Menezes — Dr. Antonio José de Almeida e Sá Pereira.

As tres velhinhas

Julgamento do director d'O PAIZ — Meira e Souza

As Tres Velhinhas conversam com o Mar. E cada uma vae contando a sua dolorosa historia de lagrimas e lutos — absorvidas nos longes do seu sonho, a dialogar com elle.

Uma fôra fiandeira. Os pescadores namoravam as estrellas d'oiro dos seus olhos, quando ella fiava o linho, cantando ao luar. E os seus cabellos cahidos eram tão finos, que muitas vezes os seus dedos enganavam-se — punham-se a fiar-os. Fôra rica, amada, feliz. No casal branco da praia, dir-se-ia que Nossa Senhora dos Navegantes viera fazer o seu lar. Tinha este nome lindo a lancha esbelta do noivo, de brancas vélas e finas, tecidas pelas suas mãos.

Oh! a clara manhã doirada em que se casaram, sob repiques alegres de sinos ao sol, na Ermida branca da Boa-Nova! A horta enchia-se de cravos e o seu lar de risos d'infancia a cada primavera. Mas annos correram. E um dia, aquella que conhecera toda a alegria do mundo ficou sózinha com a sua dôr. As ondas revoltas arrojaram á praia os cadaveres abraçados dos filhos e do marido, ainda com os escapularios bentos nos pescoços roxos.

Fôra mulher da vida a segunda Velhinha. Sem pae nem mãe, o ruivo marinheiro d'outros paizes a quem ella amou, partiu um dia na sua galera — e nunca mais voltou. Jaz, quem sabe! na valla commum do mar. Outro a amou e a abandonou com um filho no ventre. Correu o seu fado pelo mundo. Errou ao frio dos caes desertos, á noite. Gaivota perdida, ao vento da desgraça, não houve para ella o abrigo d'um ninho na terra. Nunca teve senão humilhações, fomes, pancadas. O primeiro beijo desflorou-lhe na alma todos os sonhos. Os outros não fizeram senão empedrar-lhe em sangue e lagrimas o coração. Viveu de magoas. Sustentou-se de amarguras.

Quando lhe cahiram os dentes e os cabellos, e já ninguem a queria, pobre esqueleto delido nas lagrimas, fez-se mendiga. De novo a trouxe o destino para junto do mar que a viu nascer. E os filhos dos pescadores que ella amou, dão-lhe esmola quando passa, a tactear a cova com o cajado, por entre as pedras da praia.

De que miserias mais tragicas ainda, de que martyrios mudos e inconsolaveis será feito o luto d'um Passado para dar tal expressão de dôr suprema ás feições da Terceira Velhinha? Mais curvada ainda para o chão, de que pezado fardo d'amarguras a carregou o implacavel Destino?

A's vezes choram as outras, a certas horas em que o Mar parece soluçar mais alto de saudade. Mas nos seus olhos gelados, dir-se-ia que as lagrimas seccaram, de tantas haverem chorado. Como alguém a quem tivessem arrancado a alma, fica horas e horas no seu immovel desespero, abstracta, a contemplar as aguas, quando já do outro lado dos ceus a Lua começa a sua ronda...

— E tu (pergunta o Mar) dize tu que agonias, que martyrios te



No claustro da Boa Hora

de toda a dôr humana — mas a quem o Destino dera tambem o Amor, o milagroso amor, que tudo transfigura e redime — o seu olhar de novo se volveu para as ondas do Mar, do Mar esteril e amargo como a vida d'aquelles a quem nunca ninguem amou.

JUSTINO DE MONTALVÃO.



Theatros

D. Maria, Escola de mulheres, Manhã de sol — **D. Amélia**, A companhia de zarzuela — **Gymnasio**, Nas garras do leão — **Trindade**, Varias «reprises» — **Principe Rael**, A festa de Luiz Ruas — **Colyseu dos Recreios**, As luctas do campeonato.

A falta de novidades theatraes parece ter sido dedicada a consagrações a quinzena decorrida.

Emilia Candida em **D. Maria**, Mercedes Blasco na **Trindade**, no **Gymnasio** Baptista Diniz, Luiz Ruas no **Principe Real**, artistas e empresarios tiveram, no periodo que decorre entre o apparecimento de dois numeros da nossa Revista, a sua festa, o seu publico a encher aquelles theatros.

No de **D. Maria** houve uma premiere: a **Escola de mulheres**, do grande Molière, livre e primorosamente traduzida por Coelho de Carvalho.

A distribuição confiou-a elle a artistas dos mais correctos e meticulosos: Augusto de Mello, o impeccavel *diseur*, Maia, Cecilia Machado, Motili, Carlos Santos, e outros mais que deram aos seus papeis especial relevo e brilho, como quem conhece as difficuldades de interpretar com rigor e verdade as personagens que o famoso comediographo soube arrancar como ninguem á scena palpitante da vida.

Em 1.^a representação tambem subiu á scena n'aquelle theatro um dialogo brilhante e delicado que com este titulo *Manhã de sol* foi traduzido a primor por João Soller.

Virginia que reapareceu, não para conquistar novas glorias, mas para prestar a uma camarada invalida o auxilio bondoso do seu coração e o inestimavel concurso do seu espirito, desempenhou-se admiravelmente da missão, compartilhando com outro artista glorioso: Eduardo Brazão, as ovações do publico n'essa linda noite da festa de Emilia Candida.

D. Amélia tem sido o ponto de reunião da sociedade elegante de Lisboa. Este poder de concentração — mais valioso que o da liberal, que Deus haja — tem-no como ninguem o sr. visconde de S. Luiz Braga. Quando elle toca a capitulo, quando elle traz uma companhia de zarzuela como a actual, quando elle apresenta um grupo de artistas escolhidos como a Taberner e o Nadal e a Maria Muñoz, e a Pilar Marti e a Sofia Romero e o Ortas hijo e o Reco-



Julgamento do director d'O PAIZ — Meira e Souza

A' porta da Boa Hora

crucificaram no passado? Como as outras, tiveste um noivo, um amante, um lar — alguem que te amou e que morreu?

Sacudiu a cabeça branca a Velhinha, triste como a Noite. E disse a Velhinha ao Mar: — Oh! a mim, nunca ninguem me teve amor!

— E mais doloroso do que as outras, que tinham desvendado o fundo

ber, e todos esses grandes elementos da zarzuela, não ha resistir-lhe, a melhor sociedade de Lisboa, a começar pela familia real enche-lhe o theatro todas as noites e applaude com phrenesi todos os artistas. E' o que tem succedido desde que á zarzuela se abriram este anno as portas d'aquelle theatro.



2.ª tiple Antonia Cachavero

O **Gymnasio** deu-nos uma comedia nova *Nas garras do leão*, que Jesuina Saraiva escolheu para a sua festa, e em que a beneficiada, Joaquim d'Almeida, Telmo, Rosa Andrade e outros artistas, deram



Pilar Marti

ás scenas graciosas muito relevo, que lhes valeu applausos repetidos.

Na **Trindade** reprises do *Burro* do sr. Alcaide, da *Filha do ar*, dos *28 dias de Clarinha* e outras tem alimentado o popular theatro e attrahido a elle numerosa concorrencia.

Contudo o que tornou verdadeiramente sensacional a quinzena decorrida foram as sessões de lucta no **Colyseu dos Recreios**.

Espectaculos assim, fazendo encher noites seguidas um recinto vasto como aquelle, n'um fim de época, é milagre que só Antonio Santos sabe realizar. E brilhantemente o tem elle realisado, agru-



Ortas (pae)

pando na arena do seu Colyseu luctadores de todas as nacionalidades, esveltos e formidaveis, que ora pela agilidade, ora pela musculatura, vencem obstaculos prodigiosos. E o publico enthusias-



Ortas (filho)

mado todas as noites applaude os vencedores, fraternisa com os vencidos, patêa e assobia com furia... os que se mostram selvagens.

Apesar de ser já conhecido, quem duvida que as luctas do compeonato seja o espectáculo mais sensacional da época?

Erratas indispensaveis

No ultimo numero do *Brasil-Portugal* houve umas provas que por lapso deixaram de ser revistas, resultando d'ahi apparecerem nomes completamente estropiados.

Assim, vinha errado o nome da sr.ª D. Maria de Lencastre Wanzeller, o sr. João Martins de Barros appareceu chrisnado com o nome de José, o sr. Elesbão Lapa foi convertido em Gastão, a sr.ª D. Maria de Mello e Castro (Galveias) tem o seu appellido illustre transformado em Costa, os filhos do sr. Eduardo Romero apparecem apenas com o nome de seu pae, a sr.ª baroneza de Recosta vem de Recerta, e até o sr. barão da Areia Larga vem transformado em Areia Brava.

Que nos perdoem os nossos leitores porque aos typographos e ao revisor já nós perdoámos.